

Arte Opinião
Um ponto de vista do Sátiro

Arte Opinião
Um ponto de vista do Sátiro

A Arte Opinião foi publicada pela primeira vez em dezembro de 1978 sendo o último número (o 16.º) de janeiro de 1982.

O principal objetivo era abrir a Escola ao exterior, melhorando a sua qualidade que era medíocre.

A tendência nos docentes era conservadora do ponto de vista artístico (politicamente uma coligação entre simpatizantes do PCP e outros possivelmente saudosos do antigo regime). A maioria não tinha atividade artística recente significativa, ou ela era pouco estimulante para os alunos.

Decisivo foi o facto de que foi eleita uma lista de extrema esquerda para Associação de Estudantes, desalojando uma direcção também ela inspirada pelo PCP.

Digna de registo a regularidade e profissionalismo com que revista foi publicada, apesar ou talvez devido aos tempos revolucionários que então ainda vivíamos. Foram muitos números e as tiragens atingiram os 3000 exemplares. A distribuição era profissional, da empresa Dijornal, e o número de vendas considerável.

Lembro-me que quando consegui o meu primeiro emprego no ensino superior, na Madeira em 80, comprei a revista num quiosque no centro do Funchal mesmo antes de ela me chegar pelo correio.

Tal deveu-se não só à nossa militância (alguns de nós éramos membros de uma organização de extrema esquerda), muito trabalho gratuito, mas também ao facto de termos sido persistentemente subsidiados pela Direcção Geral do Ensino Superior e nos dois últimos números pela Secretaria de Estado da Cultura.

O primeiro apoio, o mais significativo, deveu-se ao poeta José Correia Tavares, recentemente falecido, que viria a ser dirigente da Associação Portuguesa de Escritores e era na altura técnico do Ministério. Sem ele nada teria sido possível. Apesar dos subsídios do Estado pensávamos ser, de uma forma ou de outra, revolucionários.

As novas correntes que percorriam o meio artístico em Portugal não entravam dentro das Belas Artes, eram desprezadas ou ignoradas. Por isso iríamos fazer implodir as paredes da Escola, colocando-a em comunicação com os mais radicais setores culturais e artísticos. Após a Arte Opinião, arte e Escola não seriam as mesmas.

Pode dizer-se que para além dos seus três diretores a revista foi fruto de uma forte dinâmica coletiva mas, porque existem diferenças e por facilidade de exposição, individualizarei um primeiro período, no qual Pedro Cabrita Reis foi o Diretor e que durou 6 números e o primeiro ano, até julho de 1979.

Significativamente o primeiro artigo que é publicado no nº1 pela AO depois do

editorial de abertura do Pedro, é um comentário sobre o tema “O objeto estético e o objeto quotidiano”, assinado por Ernesto de Sousa, até então um nome excluído da Escola.

Ernesto interveio em estilo irreverente, arrogante, mas curiosamente muito professoral, examinando do seguinte modo os seus leitores:

«Desde já formularei o seguinte exercício: no que vamos referir em seguida há um livro fundamental para o estudo da modernidade no setor. Não o mencionarei, nem o título nem o respetivo autor – e veremos quantos “estudantes de Belas Artes” o conhecem... e estudaram. Pois eu quero lembrar (afirmar) que desde a sua “reprodutibilidade mecânica”, há, tinha que haver, uma revolução nas “artes”.»

Devo dizer que não me recordo se lhe foi dada resposta, mas provavelmente reprovámos todos neste seu teste a Walter Benjamin.

Contactámos e obtivemos colaboração de entre outros artistas ou teóricos exteriores em relação à Escola, Rui Mário Gonçalves, EM Melo e Castro, Silvestre Pestana, José Luis Porfírio, Maria João Fernandes, Mário Dionísio e Eurico Gonçalves.

Rui Sanches, então estudante em Yale, mandou dois textos de reportagem artística. A interdisciplinaridade foi uma opção inicial:

Ela determinou a participação da Arquitetura, com quem compartilhávamos então o convento (Alexandre Alves Costa, Braizinha, Michel Tap, Pedreirinho, João Sousa Morais, José Pulido Valente, José Manuel Fernandes e Luis Afonso).

O Design esteve também presente através das colaborações de António Sena da Silva, Costa Martins, Salette Brandão e também de Aurelindo Ceia e Odete Branco, alunos do curso recém-criado.

Fotógrafos como Luis Carvalho, António Pedro Ferreira, Sanches Ramos publicaram frequentemente.

Escreveram também intelectuais pouco conhecidos então, como Daniel Tércio, António Sampaio da Nóvoa, Carlos Fragateiro, Pedro Andrade, Carlos Amaral Dias. No entanto para desprazer de Ernesto Sousa a nossa visão em relação à Escola não era absolutamente negativa, eram excelentes as relações com alguns professores. Pensávamos que com este novo canal de diálogo com o exterior, as suas ideias e produção artística poderiam ser benéficas.

Por isso escolhemos um desenho de Lagoa Henriques, que muito nos encorajava, para a capa do número inaugural da revista. Muitos outros colaborariam também com maior ou menor regularidade: João Rocha da Sousa, Margarida Calado, Carlos Amado, Jorge Pinheiro e Sílvia Chicó.

Confrontávamos também a Escola com os seus tabus, buscando o que a poderia mudar ou subverter. Por exemplo com as Belas Artes do Porto havia na altura uma relação de diferença ou confronto, depois amenizada pela integração universitária. Por isso procurámos com intensidade os seus então professores e alunos e publicámos inúmeros artigos (Eduardo e José Calvet de Magalhães, Jacinto Rodrigues, Francisco Laranjo, Julio Resende, António Quadros Ferreira, Joaquim Matos Chaves, Paulo Dias, entre outros).

Por outro lado havia um objetivo político/ artístico muito específico: Achávamos que o confronto entre opiniões geraria uma “arte revolucionária”, que destruiria a ignorância castrante e jdanovista da nossa esquerda e também a “arte burguesa”, da

qual não queríamos fazer parte.

Algo de precursor na AO terá sido a opção por um radicalismo democrático e pluralista, que se afastava da esquerda de então e anunciava soluções que passariam a ser dominantes no Sul da Europa apenas no século XXI, com movimentos como o Bloco de Esquerda, o Podemos e o Siriza. Dessa forma talvez tenha sido feita também um pouco de história política.

Pode dizer-se também que este pluralismo era também eclético e que isso faria parte dos anos 80 e do chamado pós- modernismo.

Mas por outro lado havia ainda a procura de uma arte política adaptada às circunstâncias próprias do país e do momento, depois abandonada nos anos 80, mas comum neste século, por exemplo a mobilização dos artistas face a questões de género ou refugiados.

Este voluntarismo revolucionário, um pouco ingénuo mas experimental, está patente nos vários artigos que escrevi para a revista.

De igual modo a Arte Opinião procurava temas não enquadráveis numa arte elitista, as artes populares, como entrevistas a canteiros, pintores de cartazes publicitários, autodidatas.

Os artistas entrevistados na primeira fase eram “de intervenção”, destacando-se os encontros com João Abel Manta e o Virgílio Domingues.

No ultimo número do primeiro ano dirigido por Pedro Cabrita Reis foi feito um balanço do trabalho realizado e solicitados depoimentos.

Surgiu mais um chumbo por parte do Ernesto Sousa:

“Papel e papel cheio de compromissos e soluções medias, mas refletindo um nível geral extremamente baixo. (...) Estão quase a perder-se os últimos comboios. Uns vão para Arcozelo, outros vão para Paris ou Dusseldorf. O que não podemos é ficar parados tratando das minhocas domésticas”.

Sob a influência desta avaliação Pedro Cabrita cita também Arcozelo, Dusseldorf e Paris no seu editorial, mas acrescenta Cabanas de Tavira, onde passaria a residir, deixando de ser o diretor:

“ O nosso desejo de coisificar/ divulgar/ generalizar/ desmistificar os “malabarismos das belas (malas) artes não foi até onde se deveria e muito menos da forma como se deveria”.

No mesmo tom crítico o aluno Pedro Calapez, nota a inexistência de “certas infraestruturas”, mas considera a revista mais interessante que o “tradicional (académico?) Colóquio Artes ou que 1º já cansado número da Sema.”

Apesar de como estudantes considerarmos normal a avaliação e até a negativa, a severidade de Ernesto Sousa não esqueceu e em junho de 79 terá sido influente no o folheto da minha 1ª exposição individual na Galeria Opinião em junho de 1980 para a qual redigi um texto extra da página humorística O Sátiro, que escrevia para todos os números da AO. O tom era anti – europeu, complementando o título da exposição: “O Último Comboio para a Europa”.

No segundo período fui o diretor durou até junho de 1981 e foram publicados 9 números.

Se o primeiro ano foi a fase mais excitante e heroica, durante esta segunda a revista

consolidou - se e aumentou a sua implementação social e cultural, com a duplicação da tiragem inicial de 1500 e um considerável aumento dos números vendidos. Na equipe de trabalho verificaram-se reforços de peso com a adesão da Mafalda Osório e os fotógrafos Álvaro Rosendo e José Sanches Ramos, que passaram a integrar a redação, existindo uma maior presença de Eduardo Coutinho, que integrara já o anterior conjunto de alunos de design responsável pelo projeto gráfico, com Luisa Coimbra, Cândida Ruivo e Júdice da Costa (este não aluno).

O desenho gráfico evoluiu significativamente.

Tentou-se também alargar as áreas de interesse promovendo debates sobre assuntos essenciais, como aquele sobre a Condição do Artista (participação inesquecível do músico José Afonso), sobre o ensino da arte (presença na academia do ensino alternativo, com Manuel Costa Cabral e incluindo também uma curta intervenção de José Pedro Croft, enquanto aluno da Escola e professor do ensino unificado).

Merece destaque o dossier sobre Estética e Marxismo: Tinha o mesmo sido precedido por um texto no nº5 abrindo o tema, de Mafalda Osório, que introduz a afirmação “há uma estética marxista”, apresenta o texto de Pessoa em Athena “Apontamentos para uma estética não aristotélica”, e insere depoimentos solicitados a Melo e Castro e João Martins Pereira.

Seguem-se nº 10 um conjunto de participações coordenadas também pela Mafalda, com o encenador Hélder Costa, Miguel Augusto Araújo, José Gabriel Pereira Bastos e mais uma vez Ernesto de Sousa que talvez estimulado pelo título da nossa publicação, desta vez, cita Almada Negreiros: “Só os imbecis têm opinião”. Mas pergunta: “Quem (não) é imbecil, fanático ou crítico?”

Leonel Moura mandou a foto de um texto emoldurado em que a palavra marxismo aparece repetidamente sublinhada.

Recordo também nesta fase como grande momento, uma longa entrevista realizada a Carlos Botelho, no seu Atelier nas Avenidas Novas.

A par desse esforço, a participação artística de alunos da escola foi aumentando progressivamente: recordo as páginas de Teresa Dias Coelho, Fernando Brito, Xana, José Eduardo Rocha, Pedro Saraiva e Luis Camacho.

Finalmente na sequencia do meu afastamento progressivo, quando vivi na Madeira e depois em Florença (onde estou novamente) saiu em janeiro de 1982 o número 16, tendo como diretor Eduardo Coutinho.

Traduzia uma presença maior de um setor mais ligado à fotografia, BD e outras artes gráficas. Marcaram presença nesta fase também artistas “marginais” como Fernando Grade e António Barros. Grandes áreas de imagem substituem-se ao texto e nota-se a presença de um sentido de humor talvez ainda mais anárquico e menos revolucionário.

A revista tinha-se tornado eventualmente mais divertida, mas tinha-se perdido aquela sensação alquímica de que, de uma forma ou de outra, a verdade seria descoberta ou revelada por detrás de cada artigo ou ilustração.

E foi então que a Arte Opinião acabou!

Filipe Rocha da Silva
7.06.2018